

A GREVE

Parece-me o sr. João Goulart apenas um líder improvisado e peralta, e só começarei a acreditar no seu trabalhismo quando os peões de sua estância me disseram que a coisa é séria. O relativo perigo que ele pode oferecer deriva apenas da cegueira de seus adversários, e um caso típico me parece essa greve dos garçons.

Combater a greve dizendo que ela é agitação premeditada, é preparo de golpe e tudo mais, parece cômodo, e certamente agrada ao comércio local. Antes disso, porém, conviria conversar com os verdadeiros interessados, que são os trabalhadores.

Límitai-me a conversar apenas com um garçon, e êsse me basta. As 11 e meia da noite êle me avisou delicadamente que à meia noite ia entrar em greve, mas teria o prazer de me servir mais alguma coisa até aquela hora. Perguntei-lhe se achava a greve justa, e êle me disse:

— "Não sou homem dessas coisas, e não gosto de me meter em encrencas. Eu e meus colegas aqui vamos topar a greve para não fazer sujeira com a classe. Mas que o movimento é justo, é. Vou lhe dizer uma coisa: eu ganho 1.200 cruzeiros por mês, e o patrão me desconta 600 cruzeiros para alimentação. Além disso há o desconto do Instituto. O senhor acha que isso dá para um homem viver? A greve para mim é isto: ficar uns dias sem minha renda verdadeira, que são as gorgetas. Mas acho que o patrão não vai falir se passar a me pagar 1.800 cruzeiros. Agora o senhor pense nos garçons e outros que trabalham em botequins ou hotéis e quase não vêm gorgetas, ou só recebem "micharia". E no pessoal da cozinha, que às vèzes trabalha em lugares quentes, horríveis e também ganha pouco. Não, a gente não pode ficar contra a classe."

A conversa dêsse garçon me instruiu mais sôbre a greve do que vários editoriais — e à meia noite bebi o último copo pela vitória de seu movimento. Outra coisa que êle me contou é que em certos bares e hotéis a gorgeta vem incluída na nota, mas os patrões ou sonegam uma parte, ou custam a pagar o todo.

Está aí uma coisa que precisa ser regulamentada. Vários bares do Rio incluem a gorgeta na conta, sem avisar os freguezes. Não seria mais simples proibir isso para evitar encrencas? E porque não fazer no Rio como em Paris, em que todo bar ou restaurante tem obrigatoriamente afixados, do lado de fora — seja um butéco sórdido ou uma casa de alto luxo — os preços de todos os pratos e doces? E como no sEstados Unidos, onde a dose de uisque é uniforme, servida em um "martelo"? Isso pouperia muitas discussões e encrencas que aborrecem o freguez, o proprietário e também os garçons, que nada têm com a questão e são os que levam sôcos e desaforos.

Barés e restaurantes do Rio, com suas cozinhas e suas instalações sanitárias quase sempre infectas, ainda são antros de aventura onde, "quando não se está matando se está roubando", como dizia o sr. José Americo. — Ou envenenando, podemos acrescentar. Civilizar êsse comércio, fiscalizar de verdade a comida e a bebida (esta não é fiscalizada nem de mentira) e proibir que se "fungue" um trabalhador tirando-lhe a metade do ordenado, pelos restos de comida que êle come — isso não me parece fazer a politica do sr. Jango, nem de seu valedudinárta do dindinho.

26.8.59

R. B.

456